

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.020

## **O JOGO DO DESEJO: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A IMAGEM DA MULHER NA UNIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA**

Rita de Cássia Chagas Carvalho<sup>1</sup>  
Maria de Lourdes Soares Ornellas<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho advém dos estudos para construção da pesquisa doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), nomeada, “O QUE QUER UMA MULHER?: CONSTITUIÇÃO DE PESQUISADORA EM TEMPOS E ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS – NOTAS PSICANALÍTICAS.”, e nos propomos a estudar a nodosa confluência entre a existência humana, a imagem e o desejo, em um cenário de indagação psicanalítica sobre a experiência feminina na universidade contemporânea. Visamos explorar, sobre o impacto das relações de poder e do olhar do outro na formação da percepção que as mulheres têm de si mesmas e como esses fatores influenciam a participação das mulheres na vida acadêmica. Com foco na relação entre desejo e espaço universitário, o desejo, entendido não apenas como anseio individual, mas também como fenômeno social, e o desejo enquanto força motriz da subjetividade feminina. A pes-

- 1 Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia; Mestra em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA- UNEB, Doutoranda em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pesquisadora e Psicanalista. ritaccarvalho13@gmail.com;
- 2 Doutora em Psicologia da Educação. Pós Doutora em Psicanálise e Educação. Profa Titular da Universidade do Estado da Bahia – Uneb/PPGEduc. Escritora, pesquisadora e Psicanalista Clínica. ornellas@terra.com.br.

quisa está ancorada principalmente na base teórica de Freud (2012), Lacan (1985), Beauvoir (2016), Bourdieu (2012), Ornellas (2019) e Kristeva (1987). O caminho escolhido, envolveu uma perspectiva qualitativa, com dispositivo de entrevistas semi-estruturadas. Os resultados apontam para a urgência de um entendimento mais profundo das realidades que permeiam a vida acadêmica feminina, da relevância de discursões sobre a mulher subjetivada na universidade, visto que, as contribuições indicam que as representações de desejo frequentemente reforçam estereótipos de gênero e influenciam de alguma maneira na autoimagem das mulheres e em suas interações sociais. A pesquisa contribuiu para o campo da psicanálise e educação e propõe um diálogo necessário sobre imagem e desejo, fundamentais na formação das identidades. Com os resultados, abre-se possibilidades, para que futuras investigações continuem a explorar essas intersecções, criando um espaço para vozes femininas na universidade e para além.

**Palavras-chave:** Mulher, Desejo, Psicanálise, Educação, Universidade.

## INTRODUÇÃO

A universidade, ao longo de sua história, tem sido espaço de produção de saber, mas também de exclusão e silenciamento. O acesso das mulheres ao ensino superior, antes interdito, foi sendo conquistado em meio a lutas políticas e culturais. Ainda hoje, a presença feminina na academia não está isenta de tensões: sua participação é atravessada por relações de poder, representações de gênero e processos subjetivos que incidem na forma como a mulher se percebem e são percebidas. Como observa Perrot (2017, p. 171), “[...] o silêncio sobre a história das mulheres também advém do seu efetivo mutismo nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como os locais exclusivos do poder.” Essa constatação, embora histórica, ressoa na contemporaneidade universitária, onde muitas vezes a voz da mulher segue deslegitimada ou colocada em prova constante.

Esse silêncio que atravessa o tempo não se limita ao campo político ou institucional, mas se infiltra também nas formas sutis de reconhecimento, nas oportunidades de ascensão e na escuta das produções acadêmicas femininas. Há uma herança cultural que insiste em medir a legitimidade da mulher a partir de critérios alheios, como se sua palavra precisasse de uma chancela externa para ganhar valor. A universidade, nesse sentido, se mostra como lugar de duplo movimento: de abertura e conquista, mas também de barreiras invisíveis que sustentam hierarquias.

A cada nova geração que adentra o espaço acadêmico, a conquista feminina se reinscreve como ato político e simbólico. As narrativas ouvidas neste estudo deixam entrever essa duplicidade: estar na universidade é, ao mesmo tempo, um gesto de afirmação e um campo de provação. Nesse jogo, as mulheres se reconhecem como parte de uma história que ainda está em disputa, em que o direito à fala precisa ser continuamente reafirmado.

Do ponto de vista psicanalítico, a questão freudiana *“Afinal, o que quer uma mulher?”* permanece atual. Freud afirma: “a grande questão, que nunca foi respondida e que ainda não sou capaz de responder, a des-

peito de meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é ‘Que deseja a mulher’? (Freud apud Jones, 1989, p. 416)”. A impossibilidade de uma resposta totalizante abre a via para pensar o desejo feminino em sua singularidade e no modo como se presentifica em diferentes espaços, inclusive na universidade.

Essa indagação não é mero exercício retórico, mas aponta para a estrutura mesma do desejo, sempre marcado pela falta e pela impossibilidade de completude. Escutar o que quer uma mulher significa acolher não uma resposta única, mas uma multiplicidade de enunciados, hesitações e silêncios. No espaço universitário, essa multiplicidade se expressa nos modos como as mulheres narram suas trajetórias, ora marcadas pelo prazer da conquista, ora pela dor da exclusão.

O campo acadêmico, portanto, se torna palco privilegiado para a atualização dessa questão freudiana. Se não há resposta definitiva, o que se pode escutar são os modos singulares de cada mulher inscrever seu desejo no saber, nos projetos de pesquisa, nas lutas por reconhecimento. O “que quer uma mulher” se desdobra, assim, em inúmeras formas de estar na universidade, revelando tanto os limites impostos quanto as possibilidades de reinvenção.

Lacan retoma e radicaliza a indagação freudiana ao formular, em síntese, que “A mulher não existe”. Na exposição mais detalhada do *Seminário, Livro 20: Mais, ainda*, ele afirma: “Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há A mulher pois – já arrisquei o termo, e por que olharia eu para isso duas vezes? – por sua essência ela não é toda.” (LACAN, 1985, p. 98). O sentido é o de que não existe um significante universal capaz de defini-la. A mulher não se reduz a um lugar pré-determinado, mas se constitui na relação com o Outro, na falta e no desejo. Esse deslocamento teórico é fundamental para compreender que a mulher pesquisadora não ocupa uma identidade fixa, mas se reinscreve continuamente no jogo simbólico que organiza o espaço acadêmico.

O enunciado lacaniano desestabiliza qualquer tentativa de fixar a mulher em uma identidade fechada ou em um destino previamente tra-

çado. Ele abre espaço para pensar o feminino como campo de múltiplas inscrições, sempre parciais, sempre incompletas. Essa perspectiva ajuda a compreender por que, mesmo dentro da universidade, não há uma única forma de vivenciar a experiência feminina, mas uma diversidade de percursos marcados por contradições e singularidades.

Assim, dizer que “A mulher não existe” não é negar sua presença, mas afirmar que não há essência que a capture totalmente. É nesse não-todo que se inscrevem as diferentes formas de ocupar o espaço acadêmico, onde cada mulher encontra maneiras próprias de lidar com o desejo, com as interdições e com as resistências.

A filosofia feminista de Simone de Beauvoir reforça esse movimento. Em *O Segundo Sexo*, Beauvoir (2016, p. 9) declara: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Essa formulação denuncia a construção histórica e social da feminilidade e indica que a posição da mulher pesquisadora é efeito de práticas e representações que atravessam o tempo e o espaço universitários.

O tornar-se, em Beauvoir, aponta para um processo em aberto, nunca concluído. As mulheres, ao longo da história, foram se constituindo em meio a lutas, resistências e submissões, ocupando espaços que antes lhes eram interditados. Na universidade, esse tornar-se se manifesta no esforço constante de afirmar-se como sujeito de saber, disputando legitimidade em um território historicamente masculino.

Essa concepção permite compreender que a presença feminina na academia não é apenas resultado de políticas de inclusão ou de conquistas jurídicas, mas efeito de práticas sociais que se transformam com o tempo. Tornar-se mulher na universidade significa também enfrentar as marcas simbólicas de uma história que ainda insiste em definir lugares de poder a partir do masculino.

Nessa mesma direção, Bourdieu (2012, p. 34) evidencia que “[...] a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados[...]”. A leitura bourdieusiana complementa a de Beauvoir

ao mostrar como essa construção histórica se traduz em práticas simbólicas e institucionais que naturalizam desigualdades, inclusive no espaço acadêmico, onde as mulheres ainda enfrentam mecanismos sutis de exclusão e deslegitimação de sua presença como produtoras de saber.

Essas injunções não são necessariamente explícitas, mas operam como marcas incorporadas, que moldam condutas, gestos e expectativas. Na universidade, isso pode ser percebido nas formas de reconhecimento acadêmico e até mesmo nas escolhas de temas considerados legítimos para pesquisa. São pequenas práticas cotidianas que, somadas, reforçam hierarquias de gênero.

Ao trazer o corpo para o centro da análise, Bourdieu evidencia que as desigualdades não se sustentam apenas em discursos, mas também em hábitos incorporados, muitas vezes de forma inconsciente. A mulher, ao ocupar a universidade, não enfrenta apenas discursos excludentes, mas também rotinas sedimentadas que exigem dela maior esforço para conquistar reconhecimento.

Kristeva (1987), por sua vez, desloca a discussão para o campo da linguagem e da subjetividade. Em *Histórias de amor*, ela afirma: “Nessa estranha gangorra feminina que faz o ‘eu’ passar da comunidade inominável das mulheres para a guerra das singularidades individuais, é perturbador dizer ‘eu’.” (KRISTEVA, 1987, p. 228, tradução nossa). Essa formulação reforça a ideia de que a mulher pesquisadora se constitui em trânsito, entre o desejo que a move e as interdições que a limitam, vivendo a tensão entre a história coletiva de exclusão e a singularidade da voz que ousa inscrever-se no espaço acadêmico.

Esse “é perturbador dizer eu” traduz bem a experiência relatada por muitas mulheres na universidade: falar em primeira pessoa significa, ao mesmo tempo, romper com séculos de silêncio coletivo e enfrentar a solidão de assumir uma voz singular. O “eu” feminino não encontra terreno estável, mas se equilibra entre a pertença a uma história comum e a busca de uma identidade própria.

Assim, a universidade aparece como um espaço onde esse movimento se intensifica. Ao mesmo tempo em que reforça a tradição de exclusão, ela também oferece condições para que a voz feminina se afirme. É nesse jogo de tensões que a mulher se reinscreve como sujeito desejante, afirmando sua singularidade sem perder de vista a dimensão coletiva de sua história.

É nesse cenário teórico e político que se insere o presente estudo, derivado da pesquisa doutoral em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduc/UNEB), intitulado *“O que quer uma mulher?: constituição de pesquisadora em tempos e espaços universitários – notas psicanalíticas”*.

O artigo aqui apresentado é, portanto, parte desse percurso investigativo, no qual teoria e empiria se encontram. Ele se constrói na escuta de narrativas femininas e na interlocução com referenciais psicanalíticos e sociológicos que ajudam a compreender a constituição da mulher na universidade. Esse encontro entre teoria e experiência permite não apenas analisar um fenômeno social, mas também inscrever novas perguntas sobre o desejo, a linguagem e o poder, mantendo aberta a questão freudiana e seus desdobramentos na contemporaneidade.

Este artigo objetivou estudar a confluência entre existência humana, imagem e desejo, em um cenário de indagação psicanalítica sobre a experiência feminina na universidade contemporânea. Busca-se explorar o impacto das relações de poder e do olhar do outro na formação da percepção que as mulheres têm de si mesmas e compreender como esses fatores influenciam sua participação na vida acadêmica.

Essa confluência entre existência, imagem e desejo não se apresenta de forma linear, mas como um emaranhado de experiências, marcas históricas e atravessamentos subjetivos. A existência feminina na universidade não é apenas o fato de estar presente nesse espaço, mas a forma como essa presença é narrada, percebida e constantemente reinscrita. A imagem, nesse contexto, não corresponde somente a uma representa-

ção externa, mas àquilo que a mulher vê refletido no olhar do outro, ao mesmo tempo que projeta e constrói de si mesma.

O desejo, por sua vez, opera como força que move, mas também como campo de conflito. Nessa direção, Birman (2000, p.101-102) observa que,

[...] o desejo se apresenta como da ordem do impossível, e ao sujeito resta tão-somente a utilização voraz do corpo do outro para afirmar de maneira predatória seu autocentramento. Nesse contexto, o outro é usado e manipulado enquanto corpo para apaziguar a inquietação pulsional do sujeito. O corpo do outro é o cenário carnal para a descarga pulsional do sujeito, que o devora como um canibal.

Essa formulação radicaliza a compreensão do desejo como aquilo que nunca encontra completude, evidenciando a dimensão de inquietude e de consumo que o caracteriza. Na experiência universitária, essa impossibilidade do desejo se traduz em tensão: a mulher deseja estar no espaço acadêmico, produzir conhecimento e se inscrever no campo do saber, mas encontra, ao mesmo tempo, barreiras simbólicas e institucionais que tentam limitar esse desejo ou reduzi-lo a representações cristalizadas. O impossível do desejo, longe de significar desistência, é o que o mantém em movimento, convocando a mulher a se reinscrever continuamente na cena acadêmica.

Desejar estar na universidade é conquistar uma posição de saber, mas também enfrentar as interdições e resistências que insistem em reduzir a mulher a papéis tradicionais. É nesse jogo que se produz a singularidade de cada experiência feminina no espaço acadêmico, marcada por conquistas, tensões e silenciamentos que não podem ser ignorados.

Metodologicamente, este estudo de caráter teórico-bibliográfico está ancorado em autores como Freud (2012), Lacan (1985), Beauvoir (2016), Bourdieu (2012), Ornellas (2019) e Kristeva (1987), articulando esse referencial à realização de entrevistas semiestruturadas com mulheres em contexto universitário. Essa escolha possibilitou apreender, em seus relatos, tanto o que se enuncia quanto os silêncios e hesitações que atravessam a experiência feminina na universidade, revelando a instituição

como espaço que se configura, simultaneamente, em conquista e conflito para pesquisadoras.

Essa opção metodológica não busca a neutralidade, mas se inscreve em uma perspectiva interpretativa que reconhece a subjetividade como parte constitutiva da pesquisa. Escutar entrevistas sob a lente da psicanálise significa acolher não apenas o conteúdo manifesto, mas também as pausas, os lapsos e os não-ditos que atravessam o discurso. O bibliográfico, nesse sentido, não é um suporte isolado, mas uma rede de conceitos e leituras que se articulam com a escuta das falas, ampliando sua compreensão.

A conjunção entre teoria e empiria mostra-se essencial para sustentar a análise. Sem os referenciais teóricos, corre-se o risco de reduzir os relatos a meras narrativas pessoais; sem a escuta empírica, a teoria se mantém distante da realidade concreta das mulheres na universidade. Foi nessa articulação que o estudo encontrou seu caminho: entre o rigor conceitual da psicanálise e das ciências humanas e a densidade viva das falas femininas.

Os resultados indicam a urgência de compreender as realidades que permeiam a vida acadêmica feminina. As narrativas revelam que as representações de desejo frequentemente reforçam estereótipos de gênero, influenciam a autoimagem das mulheres e modulam suas interações sociais. Ao mesmo tempo, emergem movimentos de resistência e reinvenção, nos quais a mulher se reinscreve como sujeito desejante no campo acadêmico.

Essa urgência não se limita a uma constatação acadêmica, mas aponta para uma demanda social e política. Ignorar os modos como estereótipos de gênero ainda operam no espaço universitário significa perpetuar desigualdades históricas e inviabilizar a plena inserção da mulher como sujeito de saber. Ao contrário, reconhecer esses atravessamentos abre espaço para questionar práticas e discursos que, embora naturalizados, sustentam exclusões simbólicas e institucionais.

As resistências que emergem nos relatos revelam que, mesmo em meio a dificuldades, as mulheres encontram formas de criar novos modos de presença. Reinventar-se no espaço acadêmico não significa apenas sobreviver às pressões, mas transformar a própria experiência em força política e simbólica. É nesse movimento que o desejo se reinscreve, deixando de ser apenas marca de falta para se tornar também possibilidade de criação.

Pensar a mulher na universidade implica escutar seus discursos e silêncios, reconhecer os atravessamentos históricos que marcam sua constituição e abrir espaço para que suas vozes possam, cada vez mais, ocupar lugares de legitimidade no campo do saber.

Escutar os discursos significa acolher a pluralidade de vozes femininas, sem tentar reduzi-las a uma essência única. Cada relato traz marcas singulares de percursos atravessados por desigualdades, mas também por conquistas. Escutar os silêncios, por sua vez, é reconhecer que o não-dito também fala, que as hesitações e as pausas carregam sentidos tão importantes quanto as palavras.

Abrir espaço para as vozes femininas não é apenas uma questão de representatividade, mas um gesto político e epistemológico. Significa deslocar hierarquias que por muito tempo naturalizaram a centralidade do masculino no campo do saber. Reconhecer a legitimidade das mulheres na universidade é, portanto, reconhecer também outras formas de produzir conhecimento, outras perspectivas de olhar a realidade e outros modos de dizer.

## METODOLOGIA

Este estudo, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc/UNEB), está inscrito no campo da pesquisa qualitativa. Na perspectiva de Minayo (2004, p. 252),

[...] a pesquisa qualitativa proposta aqui reconhece o sujeito como autor, sob condições dadas, capaz de 'retratar e refratar'

a realidade. Não apenas como um sujeito sujeitado, esmagado e reprodutor das estruturas e relações que o produzem e nas quais ele produz.

Tal concepção orienta a opção pela abordagem qualitativa, voltada a compreender como a imagem da mulher na universidade contemporânea é construída, tensionada e atravessada por relações de poder, pelo desejo e pelo olhar do outro.

Metodologicamente, realizamos um estudo de caráter teórico-bibliográfico, sustentado em referenciais que articulam psicanálise, filosofia e sociologia. Esse arcabouço teórico orientou tanto a construção dos eixos investigativos quanto a escuta das narrativas, permitindo articular o campo empírico às discussões já consolidadas sobre desejo, imagem e subjetividade feminina na universidade contemporânea.

Como dispositivo empírico, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com mulheres em contexto universitário. A escolha desse instrumento visou favorecer a livre expressão das experiências acadêmicas, possibilitando que as entrevistadas narrassem sua trajetória, suas percepções sobre o desejo e as formas como o olhar do outro atravessa a constituição de sua imagem. As entrevistas, além de possibilitarem a construção de categorias interpretativas, evidenciam a complexidade da experiência acadêmica feminina, marcada por conquistas, tensões e movimentos de resistência.

A análise do material empírico foi orientada pela escuta psicanalítica, privilegiando a singularidade e a dimensão inconsciente do discurso. Freud (2012), ao introduzir a técnica da associação livre, recomenda que o sujeito comunique, sem crítica nem seleção, tudo o que lhe ocorra, evidenciando que o não dito e o aparentemente irrelevante podem revelar formações inconscientes. Nessa mesma direção, Lacan (2005, p. 135) afirma: “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encajado, tecido de linguagem”, situando a interpretação como escuta do significante que atravessa a fala. Esse procedimento analítico possibilitou

reconhecer, nos ditos e nos silêncios, as marcas discursivas que revelam como o desejo e a condição feminina se inscrevem na universidade.

A articulação entre o estudo bibliográfico e as entrevistas permitiu construir um campo de reflexão no qual teoria e experiência dialogam. Ao mesmo tempo em que o referencial psicanalítico oferece ferramentas para escutar o que emerge nas narrativas, o contato com o material empírico tensiona, desloca e atualiza essas categorias, evidenciando como a universidade se constitui, para as mulheres, simultaneamente como espaço de conquista e de conflito.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O movimento analítico das narrativas possibilitou identificar que a imagem da mulher na universidade contemporânea se constitui em meio a tensões, atravessada pelo olhar do outro, pelo desejo que a move e pelos estereótipos que a limitam, mas também pelas resistências que a reinventam. Nas falas escutadas, estão presentificadas marcas discursivas que evidenciam tanto a conquista do espaço acadêmico quanto as formas sutis de exclusão que nele se inscrevem. A análise, inspirada na escuta psicanalítica, não busca revelar uma essência oculta, mas acompanhar o jogo de significantes que se organizam nos enunciados, nos silêncios e nas hesitações, permitindo compreender como a mulher é simbolicamente constituída nesse cenário.

A partir das entrevistas semiestruturadas, emergiram três categorias analíticas: (1) o olhar do outro e a constituição da autoimagem; (2) o desejo como força e como armadilha; e (3) estereótipos de gênero e resistências possíveis.

### 1 O OLHAR DO OUTRO E A CONSTITUIÇÃO DA AUTOIMAGEM:

Algumas entrevistadas destacaram o peso do olhar externo na forma como se percebem dentro da universidade. Como afirmou uma delas:

“Às vezes sinto que não basta estar aqui, preciso o tempo todo provar que mereço ocupar esse lugar” (SUJEITO A). Outra completou: “Quando um colega homem fala, parece que todos escutam; quando é a gente, é como se não tivesse valor” (SUJEITO B).

Esse conjunto de falas evidencia que a experiência acadêmica feminina é atravessada por um constante exercício de legitimação. Estar na universidade não significa apenas ocupar um espaço físico, mas lidar com expectativas que pesam sobre cada gesto, cada fala e cada produção. O reconhecimento, ao invés de algo naturalizado, aparece como um campo de disputa, em que a mulher precisa reiteradamente provar sua capacidade diante de um olhar que desconfia ou minimiza sua presença.

Essa experiência pode ser aproximada da formulação lacaniana sobre o *estádio do espelho*. Lacan (1998) afirma:

O *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (p. 100).

Ao trazer essa formulação para a análise das falas, pode-se pensar que a autoimagem das mulheres na universidade não é algo dado de antemão, mas que se estrutura em um campo de alienação e de identificação. O reflexo devolvido pelo olhar institucional funciona como um espelho que, ao mesmo tempo, sustenta e aprisiona, fornecendo uma imagem aparentemente total, mas marcada por contradições e fragmentações. Assim, a identidade feminina no espaço acadêmico se constitui em movimento, entre a busca por inteireza e a experiência constante de falta.

Nesse movimento, a imagem de si não é construída de modo isolado, mas depende da mediação do outro, que devolve ao sujeito um reflexo carregado de reconhecimento e, ao mesmo tempo, de alienação. Ao trazer essa reflexão para o campo acadêmico, compreende-se que a

autoimagem feminina se forma num jogo de tensões: a mulher vê sua presença refletida no olhar institucional e social, mas esse reflexo não é neutro, pois carrega marcas históricas de exclusão e desvalorização. O reconhecimento, assim, é sempre parcial e ambíguo, produzindo tanto pertencimento quanto estranhamento.

Esse jogo ambíguo tem efeitos concretos na trajetória acadêmica: de um lado, promove o desejo de permanecer, de afirmar-se como produtora de conhecimento; de outro, gera sentimentos de inadequação e de invisibilidade. A cada passo, a mulher se confronta com a instabilidade de sua posição, como se sua presença fosse sempre provisória ou condicionada à validação alheia. Tal instabilidade se inscreve como marca subjetiva, produzindo modos singulares de lidar com a tensão entre querer estar e sentir-se deslocada.

Perrot (2017, p. 171) lembra que “o silêncio sobre a história das mulheres também advém do seu efetivo mutismo nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como os locais exclusivos do poder”. Essa exclusão histórica ainda reverbera na universidade, onde a voz feminina é muitas vezes silenciada ou considerada secundária.

O eco desse silêncio não se manifesta apenas na ausência de representatividade, mas também em práticas cotidianas que limitam a escuta e a participação efetiva. Interrupções constantes, desvalorização de temas de pesquisa associados ao feminino e subestimação da capacidade intelectual são alguns exemplos que surgem nos relatos. Esse silenciamento simbólico mostra que, apesar dos avanços, a universidade ainda carrega em seu tecido práticas herdadas de uma longa tradição excludente.

A análise evidencia que o olhar do outro não é neutro, mas carregado de valores sociais e simbólicos que influenciam a autoimagem das mulheres. O que se enuncia nas falas das participantes é a experiência de uma identidade sempre tensionada entre o desejo de reconhecimento e a sensação de invisibilidade.

Esse campo de tensões se apresenta como constitutivo, e não apenas circunstancial. O olhar externo funciona como medida e como obstáculo,

permitindo à mulher ver-se incluída e, ao mesmo tempo, marcada por fronteiras invisíveis. Reconhecer essa dinâmica é fundamental para compreender que a construção da autoimagem feminina na universidade não pode ser desvinculada dos jogos de poder que permeiam o espaço acadêmico e que modulam, de forma persistente, quem é ouvido e quem não encontra lugar de escuta.

## 2 O DESEJO COMO FORÇA E COMO ARMADILHA:

As narrativas revelam que o desejo de estar na universidade é vivido como conquista, mas também como fonte de angústia. Uma entrevistada disse: “Estar aqui é um sonho realizado, mas às vezes parece que esse sonho cobra caro demais” (SUJEITO C). Outra acrescentou: “O desejo de pesquisar me move, mas também me aprisiona, porque sinto que nunca é suficiente” (SUJEITO B).

Essas falas deixam entrever que a experiência acadêmica é habitada por uma dupla face: o prazer de ocupar um espaço conquistado e a sensação de dívida constante com esse mesmo espaço. O desejo aparece como algo que impulsiona, mas também como um peso, pois traz consigo a exigência de comprovação permanente. A mulher, nesse contexto, não apenas deseja estar ali, mas se vê capturada pelo olhar do outro que lhe impõe padrões de desempenho e reconhecimento.

Essa ambivalência pode ser compreendida a partir da própria concepção psicanalítica do desejo. O desejo, como formulado por Freud (2003) e aprofundado por Lacan (1988), não se realiza em uma satisfação plena, mas se estrutura na falta, deslocando-se em sucessivas substituições que nunca esgotam sua origem. Nessa perspectiva, o desejo funciona como força motriz, mas nunca se completa, deixando sempre um resto que retorna em forma de angústia. Como sintetiza Lacan (1998, p. 629), “o desejo é a metonímia da falta-a-ser”, situando-o não como objeto a ser alcançado, mas como movimento incessante que mantém o sujeito em trânsito e em constante busca.

Nesse movimento, a universidade se mostra como um lugar privilegiado para a manifestação dessa dinâmica. É ao mesmo tempo o espaço onde o desejo encontra campo de expansão, ao possibilitar produção de saber, pesquisa e reconhecimento, e o espaço onde esse desejo se choca com limites simbólicos e institucionais. A ambivalência se torna constitutiva da experiência feminina no meio acadêmico, revelando o desejo como força vital e como armadilha que nunca se resolve totalmente.

Lacan (1985, p. 98), no *Seminário 20: Mais, ainda*, explica: “Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. [...] por sua essência ela não é toda.” Essa formulação indica que não há um significante universal que defina o desejo feminino, mas múltiplas formas singulares de vivê-lo. Na universidade, esse não-todo se traduz na oscilação entre prazer e sofrimento, conquista e interdição.

Essa ideia se faz visível nos relatos, em que cada entrevistada dá um testemunho singular da sua relação com o desejo, sem que se possa reduzi-las a uma experiência única ou homogênea. O não-todo lacaniano, nesse sentido, não é déficit, mas abertura para a multiplicidade. Ele permite compreender que cada trajetória feminina na universidade é marcada por modos singulares de elaborar as tensões entre reconhecimento e exclusão, potência e limite, desejo e impossibilidade.

Nessa linha, Ornellas (2019, p. 47) destaca que:

A Psicanálise subverte as leis filosóficas e constrói o conceito de sujeito fundada na subjetivação. Sabe-se que a *língua*, ao nos afetar, instaura o ato fundante do sujeito, que tenta coincidir com o indivíduo, porém é distante dele. É essa afetação do sujeito pela *língua* que é possível definir o sujeito que fala – *parlêtre* –, ou seja, sujeito na falta, da fala, sujeito cindido.

Tal perspectiva ilumina a experiência feminina na universidade ao situar a constituição do sujeito não como essência estável, mas como efeito de atravessamentos discursivos e da relação com a língua, sempre marcada pela falta. Dessa forma, compreender o desejo feminino no contexto acadêmico é compreender também que ele se reinscreve nas brechas da linguagem, nunca encontrando completude, mas produzindo

sentidos em constante deslocamento. A mulher não se apresenta como sujeito acabado, mas como parlêtre, constituído na e pela palavra, atravessado por faltas e interdições, mas também capaz de criar novos modos de existir no campo do saber.

### 3 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS:

As entrevistas mostraram a persistência de estereótipos que marcam a imagem da mulher no espaço acadêmico. Uma participante relatou: “Meu tema foi visto como menor porque tratava de mulheres. Um colega disse que eu deveria escolher algo mais sério” (SUJEITO A). Outra afirmou: “Já ouvi que minha dedicação à pesquisa era exagero, como se fosse inadequado para uma mulher” (SUJEITO C).

Essas falas confirmam o que Bourdieu (2012, p. 53) chama de “[...] a submissão encantada que constitui o efeito característico da violência simbólica”: uma dominação que não precisa se impor pela força, mas que é naturalizada nas práticas cotidianas. O preconceito de gênero, nesses termos, não se apresenta de forma explícita, mas atravessa condutas, julgamentos e classificações que parecem triviais, produzindo efeitos de deslegitimação.

A tensão entre o coletivo e o singular também atravessa as narrativas das entrevistadas. Dizer “eu” na universidade, para muitas mulheres, significa romper com séculos de silêncio, mas também enfrentar resistências que tentam recolocá-las no lugar do Outro. Esse movimento revela que a subjetivação acadêmica não é linear, mas se produz no entrelaçamento de histórias coletivas de exclusão e de tentativas singulares de afirmação.

Apesar disso, as falas revelam movimentos de resistência: “Encontrei força em grupos de pesquisadoras que se apoiam mutuamente” (SUJEITO B), afirmou uma entrevistada. Outra destacou: “Cada vez que publico um artigo ou oriento uma aluna, sinto que estou abrindo caminho para outras mulheres” (SUJEITO A). Essas estratégias coletivas e individuais mostram

que, mesmo diante de estereótipos, há uma constante reinvenção de identidades acadêmicas.

A universidade não se limita a reproduzir saberes; ela se configura também como lugar de disputas e de invenção. Nesse movimento, as mulheres não apenas resistem às formas de silenciamento e exclusão, mas criam novas maneiras de se inscrever e de legitimar sua presença no campo acadêmico.

Esse processo, no entanto, não se esgota nas práticas visíveis de resistência. Ele implica também um trabalho subjetivo, em que cada mulher precisa elaborar os efeitos do olhar do outro, os limites impostos pelas estruturas e os significados atribuídos ao seu lugar. A resistência, assim, não se reduz ao enfrentamento externo, mas envolve a construção de novas formas de existir no espaço acadêmico, abrindo fissuras na ordem simbólica que, muitas vezes, tenta mantê-las em posições secundárias.

A escuta psicanalítica desvelou que a imagem da mulher na universidade contemporânea é construída em um campo marcado por contradições. O olhar do outro pode legitimar, mas também silenciar; o desejo move, mas também aprisiona; os estereótipos excluem, mas também provocam resistências criativas. Esse jogo de forças confirma a leitura lacaniana de que não há “A mulher” universal, mas mulheres singulares que se inscrevem de modos diversos no simbólico. Ao mesmo tempo, reafirma a necessidade de articular psicanálise e educação para compreender como desejo, linguagem e poder atravessam a experiência feminina no espaço acadêmico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo do desejo, tal como se apresentou nas narrativas escutadas, mostrou que a imagem da mulher na universidade contemporânea se constitui em um campo marcado por contradições. O olhar pode legitimar e silenciar, o desejo pode mover e aprisionar, os estereótipos podem excluir e, ao mesmo tempo, provocar resistências criativas. Nesse tabu-

leiro simbólico, a mulher não ocupa um lugar fixo, mas se reinscreve continuamente, atravessada por discursos, interdições e possibilidades que modulam sua presença no espaço acadêmico.

A escuta psicanalítica possibilitou compreender que a questão freudiana, “o que quer uma mulher?”, não encontra resposta definitiva, mas se atualiza em cada narrativa, em cada gesto de resistência, em cada silêncio que também fala. Na universidade, esse não-todo se traduz em experiências singulares, nas quais desejo, linguagem e poder se entrelaçam, produzindo formas diversas de subjetivação.

Essas reflexões apontam para a relevância de manter vivo o diálogo entre psicanálise e educação, de modo a evidenciar as dimensões subjetivas que atravessam a presença feminina no espaço acadêmico. Não se trata apenas de registrar desigualdades, mas de escutar como as mulheres produzem sentidos, elaboram tensões e inventam modos de habitar a universidade. Essa escuta abre um campo fértil de investigação para compreender como o desejo feminino se movimenta entre interdições e possibilidades, constituindo-se sempre em trânsito.

Nesse horizonte, o texto se coloca como convite a novas pesquisas e leituras que continuem a explorar a relação entre desejo, imagem e universidade. O jogo do desejo, como aqui delineado, não se esgota: permanece aberto, convocando a comunidade científica a reconhecer e legitimar a pluralidade de vozes femininas que sustentam a produção de saber. Mais do que responder a uma questão, o artigo propõe manter vivo o campo da interrogação, pois cada mulher, ao narrar sua experiência, reinscreve o enigma freudiano em sua própria história. O que se escuta não são respostas universais, mas modos singulares de habitar a falta e de transformar em potência aquilo que, historicamente, foi interdito.

Assim, o jogo do desejo se apresenta não como obstáculo, mas como condição mesma da criação e da invenção no espaço acadêmico. Ao escutar as mulheres na universidade, abre-se a possibilidade de deslocar significados cristalizados, de tensionar estruturas de poder e de ampliar os modos de presença feminina no campo do saber. A universidade, nesse

sentido, é chamada a reconhecer que sua vitalidade depende justamente dessa pluralidade: do encontro entre vozes, silêncios e resistências que fazem da experiência feminina não um apêndice, mas parte constitutiva da produção científica e cultural.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**, vol. 2 (1949), Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BIRMAN, J. **A derrota da intolerância?!**. In: AMARANTE, P., org. Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. Loucura & Civilização collection, pp. 95-105. ISBN 978-85-7541-319-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 01/10/2025

BOURDIEU, Pierre . **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

KRISTEVA, Julia. **Histórias de amor**. México: Siglo XXI, 1987. (Tradução nossa).

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário: livro 5. **As formações do inconsciente** . Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

LACAN, Jacques .**O Seminário :livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro :Jorge Zahar Editor, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. **Psicanalise e Educação**: o que falta em um está no outro?. Salvador: EDUFBA, 2019.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.